

Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa-PB

Alexandre Paz Almeida



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/287>

DOI: 10.4000/pontourbe.287

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Alexandre Paz Almeida, « Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa-PB », *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 01 dezembro 2011, consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/287> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.287>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa-PB

Alexandre Paz Almeida

1. Introdução

- 1 Este artigo discute algumas considerações sobre sociabilidade urbana, tendo como pano de fundo um bairro popular de João Pessoa, capital da Paraíba, denominado de Valentina de Figueiredo. O bairro foi construído em parceria com o governo do Estado da Paraíba e o extinto Banco Nacional de Habitação (BNH), no início dos anos de 1980, para atender o crescimento populacional da cidade, decorrente do processo migratório da população interiorana para a capital. O trabalho aqui apresentado é parte de um capítulo, da minha dissertação de mestrado, intitulada de: *A cidade, o bairro e a rua: um estudo sobre cotidiano e sociabilidade em Valentina de Figueiredo/João Pessoa-PB*, defendida no mês de fevereiro de 2008, no programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

2. A vizinhança e o público-privado, o outro e o reconhecido, a ambivalência e o cotidiano-moderno

Na verdade, há mais do que um conhecimento mútuo: há um contato social. Cada morador do bairro ou da vila aufere certo proveito dessa vizinhança, desde que se pague o devido preço. Ele recebe pequenas gratificações dos outros: sorrisos, saudações, cumprimentos, trocas de palavras que dão a sensação de existir, de ser conhecido, reconhecido, apreciado, estimado (Antoine Prost 1992 p.116).

- 2 O cotidiano dos moradores de vários bairros, sobretudo quando são periféricos, de algum modo se apresenta bastante pitoresco. Como Prost (1992) observou, são sorrisos,

saudações, cumprimentos que fazem dos bairros verdadeiros palcos de reconhecimento, de ser conhecido e reconhecido, apreciado e estimado.

- 3 É na sociabilidade construída cotidianamente que os diversos atores sociais vivem e convivem com seus iguais, participando de várias atividades em conjunto; principalmente quando estas atividades estão voltadas para o lazer; se reunindo para resolver os problemas mais corriqueiros: como a falta de energia elétrica de algum morador ou socorrer algum vizinho que se encontra doente (neste caso, o vizinho se torna uma figura mais do que importante no convívio social). O bairro, desse modo, não é apenas uma demarcação territorial que divide a cidade – servindo para delimitar os espaços urbanos e o controle administrativo dos serviços públicos e municipais – mas, antes de tudo, o bairro é a própria constituição de uma cidade, onde os moradores que nele habitam se identificam, se sociabilizam, criam laços afetivos e sentimentos de pertencimento. No bairro se percebe rituais, práticas habituais, *habitus*, e tradições. No bairro se percebe dificuldades e problemas. Problemas com o crescimento populacional, com infraestrutura, com a violência, com a falta de serviços, com a falta de emprego, com as favelas que começam a circundar, etc.
- 4 O pitoresco e o idílico, existentes em um bairro, se mesclam com as dificuldades, com o medo, com a indiferença, com os estranhos, com os dessemelhantes. Neste sentido, se o bairro é o espaço do convívio mútuo (PROST 1992), da harmonia, dos trabalhadores, do bom vizinho, da amizade, do lazer, do “pedaço¹” (MAGNANI 1984), também é o espaço do vagabundo, do vizinho encrenqueiro, do maconheiro, do estranho, da violência.
- 5 Ser estranho em um bairro de características personalizadas é ser intruso e diferente. E se o estranho é olhado com certa hostilidade pelos moradores do pedaço, com desconfiança ou receio, aqueles que são impessoais também são vistos atravessadamente por não conviverem “simpaticamente” com os demais moradores. Diferente do estranho, o morador “antipático” é reconhecido, mas em alguns momentos pode incomodar por ser indiferente e de convívio mais individualizado. *Quem é esse cara que ta circulando a rua Fulano é besta, não fala ou se mistura com ninguém!* (fala de um morador do bairro estudado). Desconhecido, o estranho invade a privacidade de um público (moradores) que preza pelo bom convívio social. “*A proximidade espacial cria um conhecimento mútuo pelo menos aproximativo: quem não é conhecido parece intruso*”. (Antoine Prost 1992 p.116). O estranho, do mesmo modo como o estrangeiro descrito por Simmel (1989) é aquele que ninguém conhece, que ninguém pode nunca ter visto, mas todos sabem quem é ele. Assim também é o “antipático”, todos sabem quem é ele, não por ser estranho, mais por ser impessoal e preferir a individualidade do espaço privado da casa.
- 6 O bairro, de certa forma, se torna o privado que é público, ou seja, participar e compartilhar de um estilo de vida comum e cotidiano, em que os moradores reconhecem seus semelhantes, faz do bairro um grande espaço privado, mas que ao mesmo tempo é público por não ser fechado e restrito apenas a um determinado grupo social. É claro que ninguém pode sitiar um bairro², torná-lo privado, mas o que se percebe são fronteiras construídas, segundo a concepção de Bourdieu (1997) simbolicamente, por moradores já estabelecidos (ELIAS 2002). É que o podemos observar na fala de um morador de Valentina de Figueiredo, bairro popular da cidade de João Pessoa, Paraíba:

Esse bairro é bom porque tem muita gente conhecida, a gente conhece vários moradores, é um bairro de gente trabalhadora, honesta, tem uns vagabundos, que não querem saber de nada, mas isso tem em todo canto... Se o bairro tem problema, principalmente o da violência, é por causa desses loteamentos novos que começam

a aparecer, principalmente a Torre de Babel³, lá é que dá gente perversa, não estou dizendo que lá não tenha gente boa, não é isso, mas depois da Torre de Babel a violência cresceu muito em Valentina. (Morador de Valentina; aproximadamente 50 anos, vive no bairro desde sua entrega em 1984).

- 7 Bourdieu (1997) ao observar a realidade histórica ocidental, afirmou que um indivíduo ou uma coletividade representam particularidades diferenciadoras em si e ao mesmo tempo complementares. Segundo ele, os espaços relacionais não são constituídos apenas por posições de status e prestígios, mas também se reconfiguram simbolicamente, na medida em que as classes sociais adquirem uma nova posição de acordo com suas ocupações funcionais e práticas habituais. É o que percebemos na fala do morador, o bairro é bom porque existem conhecidos, pessoas trabalhadoras e honestas e se há problemas no bairro, não são os habitantes de Valentina, mas os outros, que vindos de fora, atrapalham o bom convívio dos que já estão estabelecidos. Na fala do morador também se percebe o olhar hierarquizante quando se refere aos habitantes vizinhos, os outros, que talvez não sejam tão diferentes economicamente, são postos sob um olhar estigmatizante, pois se há violência em Valentina de Figueiredo é porque os habitantes dos loteamentos começaram a chegar para tirar o sossego dos moradores de bem, que são honestos e trabalhadores.
- 8 A idéia de trabalho também define quem é de bem, quem é vagabundo ou marginal, cria fronteiras onde homens simples e trabalhadores se diferenciam, moralmente, daqueles que são desonestos, desocupados ou marginais. Assim ser honesto é ser trabalhador, é lutar diariamente pelo “pão-de-cada-dia” e, em certas circunstâncias, se conformar com o que a vida, ou deus, lhe deu. É o que podemos observar na fala de outro morador do bairro estudado:

Esse negócio de ta olhando a vida dos outros, de ta vendo o que fulano tem ou deixa de ter, não é coisa que eu faço não, o que faço é ter as coisas através do meu suor, do meu trabalho e num invejo ninguém não. Se eu tenho as coisas é porque Deus quis que eu tivesse, porque me deu força pra trabalhar e se eu tiver algo a mais na vida dou graças a Deus, se não, tá bom do jeito que tá. Não sou como esses daqui, que vivem olhando a vida dos outros não. (morador do bairro; 45 anos; funcionário público do Estado; vive em Valentina desde sua entrega).
- 9 Prost (1992) observou que o convívio social vai definir a esfera pública e privada. Seria basicamente nos encontro banais do dia-dia, que os habitantes, de um determinado local estabeleceriam vínculos mais afetivos. Esses vínculos, que transcendem a intimidade da casa, se dariam na ordem pública, precisamente, nos locais públicos. Dessa forma, seria nos bares, nas calçadas, nas esquinas, nas praças, nos mesmos itinerários etc. que os diversos atores estabeleceriam uma proximidade, um contato singular com o vizinho, porém, este vizinho, na maioria das vezes, pode conhecer a intimidade de outros, pode circular na sua casa, fofocar de sua vida, enfim, pode conviver com os que não fazem parte de sua intimidade, mas as vezes é mais íntimo do que os da própria casa.
- 10 Assim é o que podemos perceber na fala dos dois moradores, ou seja, um convívio onde o outro se torna referência para situar sua posição de homem trabalhador, honesto, ao mesmo tempo em que se torna condição de ameaça e inveja. Se no primeiro relato o morador diz que o problema do aumento da violência decorre dos moradores de uma localidade vizinha, o segundo argumenta que existem vizinhos que olham sua vida “invejavelmente”. Em ambos os casos, o vizinho se mostra como aquele que pode quebrar o bom convívio social, mesmo que seja um vizinho distante, que more em outro local da cidade ou do bairro.

- 11 Cada vez mais, nas teorias sociológicas, o conceito de local vincula-se com a amplitude do mundo globalizado devido a uma mobilidade não só socioeconômica, que os diversos atores sociais almejam, mas, também, na melhoria de qualidade de vida, onde são introjetados idéias de conforto, modernidade, consumo etc. Tal processo global coloca os sujeitos além dos seus espaços internos, seja de uma rua, bairro ou cidade⁴. Assim, se o global situa os indivíduos num sistema social mais amplo, o local serve de referência básica na constituição de um espaço único, valorizando os diversos aspectos culturais e simbólicos compartilhados pelos vários atores que nele estão imersos, construindo, a todo o momento, o significado de cidade, bairro e rua (MENEZES 2000).
- 12 Dessa forma, os locais constituídos por ruas, bairros, cidades, que sempre heterogêneos e dinâmicos na apreensão imaginária de suas interações, e que, apesar das transformações culturais e de modernização, mantêm-se, ainda, relações que sedimentam tradições e se abastecem de vínculos primários (como os de vizinhança, por exemplo) onde a confiança consolida uma forma renovada de solidariedade e afeto entre os seus moradores. Neste sentido, o vizinho será uma fonte de reconhecimento e estranhamento pessoal. Como seu igual, o vizinho torna-se seu espelho, “o real imediato”, o reconhecido e semelhante que serve de parâmetro para elaboração de sua “identidade social”, mesmo que ambientada em uma atitude ambivalente de aproximação e hierarquização com o imaginário social mais amplo em que está inserido (SARTI, 1994, KOURY, 1994). Elaboração de uma identidade social que também pode ser ambígua, onde a rivalidade e solidariedade permeiam esta nova busca de reconhecimento e ser reconhecido.
- 13 Park (1979) também havia percebido que a vizinhança é uma das formas mais estreitas de sociabilidade. Na vizinhança podem se firmar sentimentos de amizade, de solidariedade, de lazer. É nos encontros com o vizinho que percebemos o jogo de futebol e de dominó nas calçadas, que percebemos jovens e crianças brincando nas praças ou ruas, é na vizinhança que a fofoca se estabelece e a normalidade do cotidiano se torna possível, o que acaba por constituir relações de vizinhança diversas e possibilidades de encontro mais próximos e familiares.
- 14 Para Park (1979) a idéia de normalidade só é possível quando é justificada, aceita e instituída por um determinado grupo ou comunidade. Havendo desvios no instituído, há quebra da normalidade, o que pode vir a ocorrer tensões e crises, o que segundo Park, possibilita uma nova forma de configuração social. A idéia de tensão, percebida por Park, e que originalmente se encontra na obra de Simmel (2006, 1979, 1989) é indispensável para compreender o desenvolvimento de novas ações e reações dos sujeitos, de novas configurações e possibilidades sociais e culturais. Neste contexto, a cidade e o bairro se tornam palco para o surgimento de possibilidades, ações e reações dos indivíduos que nela estão imersos, onde o outro da relação se faz presente como modelador das práticas sociais.
- 15 A noção do outro⁵ também se entrelaça sob um olhar de conflitos, solidariedades ou afetos que parecem permear os bairros populares das grandes cidades, uma vez que o convívio mútuo pesa para um controle social dos indivíduos que nela habitam, fazendo de uma: “*pessoalidade e impessoalidade um paraíso e um inferno da vida em comum*” (PRADO, 1995), construindo uma rivalidade que hierarquiza, divide, criando fronteiras entre iguais, por outro lado, a solidariedade e afetividade são mais visíveis quando o ambiente é pessoalizado e reconhecido. O que – segundo Franco (1969), Prado (1995) e, fortificando o olhar de Prost (1992) e Park (1979) – leva a uma prática cotidiana e comum do grupo aos indivíduos que compartilham relações tradicionais, permitindo uma inserção ritual e

simbólica, ao mesmo tempo em que conforma um plano onde o passado é revisto e ré-visitado através de novas configurações sociais.

- 16 Prado (1995) vai definir a cidade pequena como um paraíso e inferno da personalidade, para ela, vínculos como o de vizinhança, de compadrio, de amizade etc. fazem parte de uma sociabilidade mecânica, onde, dificilmente, os indivíduos não se reconheçam como integrantes daquele local e daquela tradição. Neste sentido, se viver em uma cidade pequena é um paraíso porque vários sujeitos se reconhecem, este conhecimento mútuo leva a uma vida “infernai” em virtude de todos controlarem a vida de todos, dificultando, desse modo, o anonimato. Neste caso, a fofoca se torna uma arma bastante eficaz no controle e vigilância dos indivíduos que vivem sob esse jogo relacional. É o que podemos perceber na fala de uma moradora, de 22 anos e que mora em Valentina de Figueiredo desde 1986:

Morar aqui é uma porcaria porque as pessoas se acham no direito de invadir a vida de qualquer um da rua. De repente, quando você menos espera, tem um vizinho dentro de sua casa,⁶ isso é um incomodo, tira sua privacidade... O povo não percebe que ta numa cidade grande, parece mais um interior! E esse bairro, triste! Tudo é distante, as paradas de ônibus são distantes, o centro da cidade é distante, “ave”, é um aperseio! Eu quero mesmo é sair daqui e ir para um bairro melhor, mais próximo das coisas... Quando eu trabalhava no comércio, no centro da cidade, pegava aqueles ônibus imundos, sujos, lotados... É um bairro que infelizmente... É até ruim falar disso, mas criou-se um mito em Valentina que tudo é ruim, e não é um bairro tão feio assim, existem bairros mais precários, mas eu vejo que outras pessoas, de outros bairros, falam que Valentina é isso, é aquilo, é pobre, é distante... Quando eu digo que moro em Valentina várias pessoas se assustam, diz logo “virge”, Valentina! Mas até que ta melhorando, já tem até uma faculdade⁷ aqui e o parque Haras Cowboy além das vaquejadas também é casa de shows.

- 17 A fala da moradora corrobora não só a descrição de Prado (1995) e Elias (2002) quando se referem a uma comunidade que se encontra submetida a um controle social amplo, que tradicionalmente é característico de comunidades mais fechadas, como pequenas cidades, vilas ou ruas e possui a fofoca como legitimadora de um sutil poder de regulação e vigilância, não obstante, percebe-se que a precariedade, típica de cidades periféricas e grandes, traz na fala da moradora, um sentimento de talvez não de repúdio, mas de viver em um local que se abastece de vínculos de outras localidades da cidade, onde o imaginário delimita os espaços através de uma situação de hierarquia e ambivalência, criando categorias já analisado por Sarti (1994), Velho (2000), Zaluar (1985) em que proprietários e favelados, trabalhadores e bandidos, pobres e mendigos demarcam fronteiras antagônicas de reconhecimento e diferenciação, imbricadas sob uma construção de uma identidade social complexa e heterogênea. A distinção entre estas categorias são feitas através da localização geográfica em que se encontram as casas dos moradores, a situação financeira e as obrigações morais.

Como a pobreza no mundo moderno é definida essencialmente pelo critério político e econômico – os pobres são os carentes de riqueza material e de poder – é no plano moral que se estabelece a igualdade e onde os pobres podem mesmo ser “superiores”. (SARTI 1994, p 18).

- 18 Neste caso, ser favelado, bandido, mendigo, rico ou pobre, faz parte deste plano moral de diferenciação e identidade social. A ambivalência entre iguais analisada por Sarti não é apenas a diferenciação ou o estabelecimento de hierarquizações sociais, mas é também uma lógica de oposição e exclusão firmada por uma sociedade capitalista, desvinculada de valores morais e desiguais em sua morfologia. É o que Bauman (2004), citando Victor

Turner, vai perceber como forma de negação de uma estrutura social que busca a coesão, mas propaga a ambivalência:

É como se houvesse aqui dois “modelos” importantes, justapostos e alternados, para o inter-relacionamento humano. O primeiro é da sociedade como um sistema estruturado, diferenciado e freqüentemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas... o segundo... é o da sociedade como *communitas*, comunidade ou mesmo comunhão, desestruturada ou estruturada de forma rudimentar, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto á autoridade geral dos dignitários rituais. (Turner citado por Bauman; 1994 p. 93).

19 E continua Bauman:

A *communitas* é, para o bem ou para o mal, o revestimento de todo o conjunto de *societas* – e na sua ausência (se isso fosse concebível) esse conjunto se dispersaria: as *societas* se desintegrariam em suas suturas. São as *societas* com sua rotina e a *communitas* com sua anarquia que, em conjunto, numa cooperação relutante e dominada pelo conflito, fazem a diferença entre a ordem e o caos. (p. 93 e 94).

20 Dessa forma, a conceito de sociedade opõe-se dialeticamente à forma comunitária de associação, ou seja, sociedade, sob a ótica de Norbert Elias (1994), é aquela que se estrutura através de um longo processo de interdependências “humano-funcionais” rumo à civilização. Assim, a sociedade, como projeto da modernidade, tende a elaborar, constantemente e processualmente, novas formas de atitude e *habitus*⁸ incorporados subjetivamente na relação entre indivíduo e sociedade. Elias (1989: 1994: 1998) procura dar um basta na discussão entre indivíduos e sociedade como categorias distintas enquanto conhecimento e apreciação de uma realidade pautada sobre a linearidade de um tempo uniforme e constante, em outras palavras, segundo ele, o que existe é uma sociedade de indivíduos, formada através de um processo de interdependência funcional e específico aquele momento histórico, sendo suscetível a modificação.

21 Na sociologia de Norbert Elias, nem o tempo e a história, nem a sociedade e os indivíduos são categorias estanques e lineares, mas todos os fenômenos sociais e culturais são marcados por um longo processo de aprendizado e interdependência que levou os seres humanos e, continua a levar, para uma nova forma de saber e evolução social, configurando, a todo o momento, as normas estabelecidas e o conhecimento vigente. Como George Simmel, Elias não viu na história fatores deterministas ou determinados, não viu na teleologia algo que conduzisse os seres humanos a fins específicos, mas viver na sociedade moderna e ser um indivíduo moderno é construir e ser conduzido por escolhas e possibilidades, que a todo instante, *pode se desmanchar no ar* (BERMAN,1995). Nesta vertente, Velho (1997) define o indivíduo moderno como o sujeito, que busca na individualidade, a concretização dos seus projetos pessoais, optando ou não por caminhos que a sociedade moderna pode oferecer.

E na sociedade moderna cada vez mais cobra-se isso, seja da mulher que se deve tornar independente, do jovem que precisa se autonomizar ou do trabalhador que tem de lutar pelos seus interesses. Ou seja, é preciso definir e descobrir o que *se quer*. Em outras palavras, o que o *indivíduo sujeito moral* quer e pretende (Velho, 1997 p. 44).

22 Entretanto, Velho (1997) percebeu que o projeto ou as possibilidades que os sujeitos tendem a optar não são característicos de classes sociais mais desfavorecidas, e sim de classes médias, que queiram ou não, possuem algum prestígio no sistema hierárquico brasileiro, seja este familiar, político ou de classe, o que torna a idéia de cidadania e direitos humanos algo extremamente frágil.

Embora não seja exclusivo, o modelo hierarquizante atua de forma decisiva na sociedade brasileira... Essas são algumas das razões para a fragilidade da noção de cidadania no nosso país. Embora na lei tenhamos, de um modo geral, direitos e liberdades a todos os membros da sociedade brasileira, na prática temos cidadãos de primeira, segunda e terceira classe e mesmo não cidadãos, isto é, indivíduos sem voz, sem espaço e sem nenhum respaldo real nas instituições vigentes (Velho, 1997 p. 146).

- 23 Diferente de Velho, Sennett (1998) também discute a fragmentação de alguns aspectos da vida pública por consequência da valorização da individualidade moderna. Segundo ele, no mundo moderno contemporâneo, a idéia de público cada vez mais se mescla com o sentido simbólico de desgraça, uma vez que os indivíduos preferem muito mais se resguardarem na intimidade não só das suas casas, mas de sua vida enquanto sujeito relacional e *psicologizante*. O indivíduo, dessa forma, além de se portar como sujeito único e diferente, também prefere o anonimato e o isolamento em detrimento da exposição pública, de uma atitude caracteristicamente urbana e que Simmel vai definir como blasé⁹.
- 24 Se uma das características da modernidade é a fragmentação de alguns laços tradicionais (laços que são mais visíveis em comunidades) a cidade e o bairro, como esfera pública, desempenham um papel ambivalente, na vida dos moradores, em virtude de ser um palco onde os valores, as tradições, a cultura, o lazer são postos sobre um movimento dual e contraditório (DAMATTA 1987). Movimento este que Henri Lefebvre (1998) vai observar dentro de um cotidiano que, por não ser percebido, esconde as frustrações e tragédias da vida moderna e da rotina do dia-dia.
- A cotidianidade do “íntimo” escondido no coração do cotidiano se identifica com a rápida e fugaz recuperação dos dias, semanas, meses que passaram após a fadiga. Para todos o sentido da vida é a vida desprovida de sentido; realizar-se é ter uma vida sem história, a cotidianidade perfeita. Mas é também não vê-la e fugir dela assim que for possível. (Lefebvre p. 133).
- 25 Segundo Lefebvre, a vida cotidiana, no mundo moderno, não possui nada de ingênuo, e se o cotidiano traz o lúdico, a fantasia, os momentos descontraídos sejam em um simples lazer de fim de semana ou no prazer de possuir algum bem material que muito se deseja, são estes pequenos anseios que fazem do cotidiano a forma mais alienante de se viver em um tempo que valoriza apenas o presente e as futilidades de uma sociedade ocidental consumista e extremamente insatisfeita. Assim é a vida cotidiana, *sem sentidos concretos*, sem histórias e absurdamente insatisfatória.
- 26 Lefebvre vai diferenciar os conceitos de cotidiano e cotidianidade como sendo o segundo (cotidianidade) o prisma para a elaboração do primeiro (cotidiano). Segundo ele, cotidianidade é um conceito que busca compreender as transformações do cotidiano através de uma filosofia irrealizável, de um não filosófico, daí a superação do conceito cotidianidade, pois a cotidianidade é tudo que verdadeiramente vivemos e não percebemos na vida cotidiana insignificante e fugaz. Para Lefebvre a cotidianidade é “À alienação filosófica, verdade sem realidade, corresponde ainda e sempre a alienação cotidiana, realidade sem verdade” (Lefebvre p. 20). A visão de Lefebvre sobre o cotidiano não é apenas de um pessimismo, entretanto, todos parecem se perder na atrocidade *da vida desprovida de sentido*. Mas lembremos que a falta de sentido é o sentido da busca do vivido, das possibilidades que surgem momentaneamente, dos projetos de vida que podem ou não serem realizados, das paixões, das frustrações e anseios, alegrias e tristezas que vivemos apenas na ambigüidade do cotidiano, que vivemos e fazemos na arte do cotidiano (DE CERTEAU, MAYOL, GIARD 1998).

3. Conclusão

27 até o presente momento o cotidiano, comunidade e a sociedade são apresentados de forma ambivalente e contraditória; se o bairro ainda mantém uma forma peculiar de sociabilidade que propícia o encontro mais estimado com o outro, fazendo do vizinho uma fonte de segurança, mas também de receios, o que não deixa de ser ambíguo; se a vida privada, em alguns casos, se confunde com a pública, fazendo da casa uma extensão da rua, da rua uma extensão do bairro e do bairro uma extensão da cidade, como delimitar um campo ou uma categoria específica, para se estudar no meio urbano, quando tudo se parece tão contraditório, tão complexo e heterogêneo, tão lúdico e idílico? Inspirando-se ainda no pensamento de Lefebvre (1998 e 2004) e Bauman (2002, 2004) não quero aqui assumir uma postura pós-moderna, mas o que se parece encontrar, na contemporaneidade e nos aspectos fugazes da vida no cotidiano, é de expectativas e busca de um sentido que se não for *abstrato* (viver, reconhecer, projetar, individualizar, de ser, amar, etc.) pode ser *concreto* (consumir, gastar, produzir, etc.) ou *real* (explorar, hierarquizar, estigmatizar, etc.).

BIBLIOGRAPHY

- AUGÉ, Marc. **O sentido dos outros**. Petrópolis, Vozes, 1999.
- BAUMAN Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- BAUMAN Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Papirus, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. “A economia das trocas simbólicas”. In, Sergio Miceli (Org), 2ª edição, São Paulo, Perspectiva, 1987.
- DE CERTEAU, Michel.; GIARD, Luce.; MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1998.
- DaMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.
- ELIAS, Norbert. **Escritos e Ensaio: I. Estado, Processo, Opinião Pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. p. 21-68, 2006.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. V 1, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1990.
- ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. V 2, Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1993.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1994.
-

- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 1998.
- ELIAS, Norbert. **Envolvimento e alienação**. Rio de Janeiro, Bertandbrasil, 1995.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2000.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. São Paulo, Institutos de estudos brasileiros – USP, 1969.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo-SP, Nova Cultura. pp 35 a 90, 1999.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. São Paulo, Editora Escala, 2006.
- KOURY, Mauro G. P. **As violências invisíveis: Paraíba-1993**. In, *Política e trabalho*, 8/10, PPGS/UFPB, p. 3-12. 1994.
- LEFEBVRE, Henry. **O direito a cidade**. São Paulo; Centauro Editora, 2004.
- LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Ática, 1998.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- MENEZES, Marlucci. **Do espaço ao lugar. Do lugar às remodelações sócio-espaciais**. Rio de Janeiro, UERJ, *Horizontes Antropológicos*, a. 6, n. 13, 2000.
- PARK, Robert Ezra. **A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**. In, Velho (Org). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1979.
- PRADO, Rosane M. **Cidade Pequena: Paraíso e Inferno da Pessoaalidade**. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, n° 4, pp 31-56, 1995.
- PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. **História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias**. Vol V. São Paulo, Cia das Letras. 1992.
- SARTI, Cynthia Andersen. **Ambivalência Entre Iguais: uma discussão sobre a moral dos pobres**. XVIII encontro anual da ANPOCS, Caxambu. 1994.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.
- SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In, Velho (Org). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara. 1979.
- SIMMEL, Georg. **Coleção Grandes Cientistas Sociais**. Ática, 1989.
- SIMMEL, Georg. “**O segredo**”. In, *Política e Trabalho*, PPGS/UFPB, n 15, p. 221-226, 1999.
- SIMMEL, Georg. **A carta: por uma sociologia do segredo**. In, RBSE, V. 1, n° 3, p. 425-429, João Pessoa, GREM. <http://www.rbse.rg3.net>, 2002.
- VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- VELHO, Gilberto. **Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica**. In, G. Velho e M. Alvito (Orgs). *Cidadania e violência*. 2ª ed, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ/FGV, pp. 11 a 25, 2000.
- ZALUAR, Alba. **A máquina e a Revolta**. São Paulo, Brasiliense, 1985.

NOTES

1. Magnani (1984) em brilhante trabalho sobre a periferia da cidade de São Paulo faz uso da categoria pedaço para delimitar os locais de maior sociabilidade e reconhecimento entre habitantes que compartilham o mesmo espaço. Assim o pedaço pode ser uma rua, um bar, o campo de futebol, uma praça ou qualquer outro tipo de local que possa servir como espaço de reconhecimento, amizade, vizinhança etc.
2. Na contemporaneidade condomínios fechados, não só de prédios, mas também de casas delimitam seu espaço interno apenas para os que nele habitam. A rua, que antes era pública, agora se torna privada, fechada, onde apenas seus moradores podem transitar. O interessante é que o controle, nestes condomínios, parece transcender a esfera privada. A vigilância, o olhar sobre quem entra ou quem sai, remete a uma nova forma de encarar os aspectos da vida urbana que se configura através de uma cultura do medo, da violência, do estranhamento, da desconfiança, bem como fortalece a cultura da individualização, da solidão, do isolamento...
3. Trata-se de um pequeno conjunto habitacional, com moradias bastante precárias, que se encontra dentro de Valentina de Figueiredo.
4. É bom deixar claro que o conceito de espaço possui uma ampla ressonância, sendo freqüentemente usada na sociologia – além do espaço simbólico, no sentido dado por Bourdieu – como significação de um local habitado. Portanto, o local também pode ser considerado um espaço habitado. O espaço, como categoria sociológica, somente significa quando os seres humanos conseguem habitar ou, simplesmente, demarcar aquele “local” para suas atividades relacionais ou não. No sentido Kantiano espaço é: “A condição da possibilidade dos fenômenos e não uma determinação dependente deste; é uma representação a priori que subjaz necessariamente aos fenômenos externos”. (KANT p. 74 1999).
5. Para Augé (1999), a noção do outro esta intimamente ligada a um campo cultural, simbólico e social que dificilmente conseguiríamos compreender isoladamente. O outro, que especificamente, na antropologia, é definido por “ser diferente”, deve ser conhecido e observado através da elaboração de seus próprios sentidos sociais. Segundo Augé, cada vez mais, o “outro” se encontra perdido em uma multidão de indivíduos desprovidos de referências espaciais e temporais.
6. Neste relato a moradora falou o nome das vizinhas que entravam na sua casa inesperadamente.
7. Trata-se de uma faculdade de medicina e enfermagem que foi recentemente construída em um loteamento próximo ao bairro de Valentina de Figueiredo.
8. *Habitus*: termo do latim que designa aspecto exterior, aparência. Na concepção de Bourdieu (1997), cada posição de classes esta relacionada com uma questão de *Habitus* (ou de gosto) onde os indivíduos se reconhecem por características comuns e estilos de vida semelhante, em relação a estes *habitus* e aos demais integrantes sociais. Todavia não é apenas a semelhança que o *habitus* engendra, mas também uma dessemelhança, na medida em que os agentes se diferenciam, optando por características incomuns, estilos de vida diferencial, gostos e costumes específicos àqueles dos sujeitos ou grupos sociais referenciados. Encarnando no corpo e na personalidade dos sujeitos, o *habitus* reproduz as diversas condições sociais de nossa própria produção. Antes de Bourdieu “conceber” o conceito de *habitus*, Norbert Elias já havia mencionado, que uma das características fundamentais na elaboração da identidade “Eu – Nós”, seria um tradicional *habitus* que moldaria a estrutura da personalidade dos indivíduos, a uma identidade nós, possibilitando o surgimento de um sentimento nacional, grupal ou tribal, assim como a manutenção de algumas tradições e estilos de vidas.
9. Segundo Simmel, a atitude *blasé* é o sentimento típico da vida metropolitana. O indivíduo *blasé* é formado por indiferença, tédio, desconfiança e suas relações sociais são permeadas por uma

constante reflexão do quanto vale? O dinheiro, neste sentido, assume o valor das relações sociais, firmando uma confiança não no que se representa pessoalmente, mas o quanto se vale ou quanto se pode oferecer.

ABSTRACTS

Este artigo discute algumas considerações sobre sociabilidade e cotidiano em um bairro popular da cidade de João Pessoa-PB, denominado de Valentina de Figueiredo. O trabalho busca uma aproximação teórica com autores das ciências sociais, especificamente os que priorizam temáticas sobre o urbano contemporâneo, bem como analisa, através de entrevistas com moradores do bairro, os processos contraditórios emergentes de relações, aparentemente, ambivalentes no que diz respeito às práticas cotidianas.

This article discusses some considerations on sociability and everyday life in a popular neighborhood in the city of Joao Pessoa, named Valentina de Figueiredo. The paper seeks a theoretical approach to social science authors, specifically those that prioritize issues on the urban contemporary, and examines, through interviews with residents of the neighborhood, the cases arising from conflicting relationships apparently ambivalent on that concern the everyday practices.

INDEX

Keywords: sociability, everyday life, urban sociology

Palavras-chave: sociabilidade, vida cotidiana, sociologia urbana

AUTHOR

ALEXANDRE PAZ ALMEIDA

Professor assistente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Bacharel em Ciências Sociais pela (UFPB), mestre e doutorando em sociologia pelo programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba alexpazalmeida@gmail.com.